

SAUDADE: A HISTÓRIA DO ADULTO E QUE O TEMPO LEVOU...

Flávia Brocchetto Ramos*

RESUMO: Este artigo analisa a trajetória da personagem infantil e sua construção na narrativa *Saudade*, obra de Tales de Andrade, editada em 1919 e destinada aos escolares brasileiros do período. O texto, embora literário, é visto como um documento histórico que revela a concepção de infância, o papel da escola e a situação da vida rural e urbana, no período de publicação, em virtude da natureza doutrinária do texto.

PALAVRAS-CHAVE: história da literatura infantil, narrativa infantil brasileira, teoria da literatura, Tales de Andrade.

Assim, a Literatura Infantil, em lugar de ser a que se escreve para as crianças, seria a que as crianças lêem com agrado (Cecília Meireles).

1 SITUANDO A OBRA

A reflexão sobre a história da literatura infantil brasileira obriga o estudioso a voltar-se para Lobato, fundador do gênero. Convém, porém, lembrar, porém, que antes de *A menina do nariz arrebitado* (1920), outra narrativa foi publicada, especificamente, para a infância. Trata-se de *Saudade*, de Tales de Andrade¹ que, conforme

* Professora na UNISC e UCS/CARVI. fbramos98@yahoo.com ou flavia_ramos@uol.com.br

¹ Todas as citações desta obra são retiradas da 52ª edição, publicada em São Paulo, pela Companhia Editora Nacional, em data não identificada.

Nelly Novaes Coelho (1985, p.181), foi editada em 1919, pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, com uma tiragem de 15 mil exemplares. O texto, destinado, inicialmente, aos escolares paulistas, mostra o homem em harmonia com a terra, a qual lhe permite viver em paz e com justiça.

Ambas as narrativas foram concebidas visando à infância, mas apenas a de Lobato sobrevive até hoje. Constata-se que não basta que o texto seja publicado para determinado grupo, mas que de fato atenda às necessidades do destinatário. Em relação à Literatura Infanto-juvenil, o texto deve representar os interesses do leitor e não aqueles dos adultos, responsáveis, geralmente, pela aquisição dos livros.

Este artigo opta por focar *Saudade*, uma obra esquecida atualmente. O estudo da narrativa não se deve às suas qualidades estéticas, mas ao seu valor na história do gênero, posto que é uma das primeiras obras escritas e publicadas no Brasil, recuperando o contexto local. Opta-se por re-apresentá-la após oito décadas de publicação.

O período que antecede a publicação da obra é marcado pelo desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana, o fortalecimento das classes sociais intermediárias entre a aristocracia rural e a alta burguesia, formadas por escravos, trabalhadores rurais e funcionários públicos. Multiplicam-se exposições, reuniões, palestras, espetáculos teatrais e outros eventos culturais. O meio é favorável ao contato com livros, à medida que o consumo desses bens espelha o padrão de escolarização e de cultura com que os segmentos sociais desejam apresentar-se frente a outros grupos, com os quais buscam identificação.

É nesse clima de valorização da instrução e da escola que nasce uma literatura escolar incipiente para suprir a necessidade de leitura das crianças brasileiras. Já no prefácio da obra, A. de Sampaio Dória sintetiza o seu conteúdo: "(...) *Saudade* será um encanto sugestivo. Trá-los-á interessados e terá o condão de lhes insuflar, na alma, germes de amor à terra e à Pátria" (p.9).

O culto ao ruralismo e a valorização do patriotismo fazem-se presentes como conseqüência do período de publicação da obra, em que o modelo econômico é agrário-comercial. Ribeiro (1988, p.75) salienta que, nessa época, o analfabetismo passa a se constituir um problema *porque as técnicas de leitura e escrita vão se tornando instrumentos necessários à integração*, já que a sociedade vai-se urbanizando. Com a necessidade de alfabetizar os indivíduos, criam-se escolas e, conseqüentemente, torna-se necessário material para leitura.

2 A VERDADEIRA HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Conforme está registrado no capítulo "Uma história... verdadeira" (p.11), *Saudade* conta a vida do menino Mário desde sua infância, através de uma narrativa construída em primeira pessoa, pois é o próprio Mário adulto que fala de si e, saudoso, relata aspectos significativos de seu passado.

O protagonista e sua família moram no meio rural, mas em face dos atrativos da vida urbana, mudam para a cidade. O novo ambiente leva à formação de outros hábitos: o menino, com roupas diferentes, é matriculado na escola (mostrando-se criança exemplar), o pai ausenta-se, devido ao armazém que monta, pessoas estranhas chegam a todo instante na casa de Mário (carteiro, leiteiro, padeiro...), contrastando com os hábitos que a família possuía, o que estabelece o conflito entre o urbano e o rural. Além disso, a família enfrenta dificuldades financeiras, que levam à venda do armazém e ao desemprego do pai, seu Raimundo, no mesmo período em que o menino adoece. Para amenizar a situação, o pai começa a trabalhar numa fábrica de chapéus, enquanto a mãe, dona Emília, auxilia na economia doméstica cuidando da casa, fazendo pão, costurando.

Certo dia, quando Mário lê o jornal para seu pai, eles ficam sabendo que o banco não pagará seus créditos, fato que deixa seu Raimundo preocupado por possuir parte do valor da venda do sítio ali depositado. Comentando o incidente com seu patrão, é aconselhado a voltar a morar no campo, devido às inúmeras vantagens do meio rural. Mário acompanha o pai quando esse vai conhecer uma

propriedade de 38 alqueires no bairro Capão Bonito e também está com ele no ato do fechamento do negócio.

Seu Raimundo passa a morar no sítio, a fim de prepará-lo para que os outros logo o acompanhem. Todos os sábados, ele visita a família: nessas ocasiões, relata os fatos ocorridos na semana. Quando a família se muda para o sítio, leva junto a italiana Tereza, antiga empregada de dona Emília. Lá, ela conhece nhô Lau, peão e exímio contador de histórias com quem se casa. É nhô Lau que leva Mário para visitar a escola de dona Alzira, onde ele e sua irmã, Rosinha, logo, irão estudar, sem jamais desapontar a professora ou os pais. Em certa ocasião, o empregado vai buscar uma vaca recém comprada e Mário acompanha-o, contra a vontade do pai. Embora já arrependido pela desobediência, ao chegar em casa, é punido pelo pai.

A rotina da família raramente se altera. Entre as poucas visitas que vão ao sítio Congonhal, duas merecem maior atenção: dona Francisca, antiga amiga da família, que, ao visitar a mãe de Mário, critica a monotonia da vida no campo, enquanto a proprietária exalta as belezas rurais; e Juvenal, primo do protagonista, que se encanta com a organização do local, visto que nem todos os sítios são tão produtivos. Ele passa uma temporada com Mário, a fim de recuperar sua saúde e torna-se, então, mais um membro da família e adepto da vida rural.

3 BRINCADEIRAS INFANTIS?

Os meninos pouco ficam dentro de casa. Por vezes, recebem alguma incumbência, como buscar a correspondência, colecionar a revista *Chácaras e quintais* e não lhes surpreende o fato de Rosinha ter mais brinquedos do que eles: isso é justificável, posto que a menina está sendo preparada para cuidar da casa, ser a patroa.

Os brinquedos oferecidos às personagens infantis, nem sempre são do seu agrado, nem lhes despertam a curiosidade. Às vezes, algum objeto é dado a Mário para ocupar-lhe a atenção: "*A fim de que não saísse à rua, davam-me brinquedos bonitos, sim, mas que me aborreciam ao cabo de meia hora*" (p.14). Porém, o que mais

agrada o menino são os brinquedos criados por ele mesmo, considerados como mais interessantes e estimulantes. É o caso do projeto desenvolvido no quintal: "(...) andava encantado com a construção de um pequeno rancho, que seria a futura hospedagem da criança. Trabalhei muito nesse dia!" (p.26).

É com orgulho que o narrador adulto afirma:

Quase todos os meus brinquedos eram feitos por mim mesmo. Arranjava flautinha com canudos de folhas de mamoeiro, arranjava bodoque, bonequinhos que giravam num barbante esticado, espingardinha, papagaio, papa-ventos... (p.33).

Mário também inventa um cinema caseiro, que *funcionava num quartinho com porta para a sala de visitas* de sua casa:

... Um lenço pendurado num barbante, uma vela acesa e uma caixa de papelão, atulhada de figuras recortadas em papel grosso. Fechava-se o quarto, acendia-se a vela por detrás do lençol e faziam-se dançar as figuras de papel, sustidas por fios, entre o lençol e a luz. E os espectadores podiam, assim, ver as sombrinhas dançando (p.37).

Com a invenção, o menino consegue distrair outras crianças e até os familiares delas. A mãe de Mário, no entanto, sabe que seu interesse pela brincadeira é passageiro, evidenciando o olhar do adulto sobre a criança.

Os animais domésticos são utilizados para distração das crianças. Ganhar um cão, como Piquira, ou um gato, como Currupio, equivale a um brinquedo muito desejado. Passear a cavalo, caçar igás após um chuvisqueiro, participar de pescaria ou tomar banho no rio são outras atividades prazerosas para os meninos. Mais uma vez, pode-se observar a valorização dos elementos naturais para distrair as crianças: esses são mais eficientes que os brinquedos comprados prontos, tanto para os meninos quanto para Rosinha, representante do sexo feminino, cujos interesses são diferentes dos evidenciados por Mário, Juvenal e os demais meninos da narrativa. O fato é destacado mais claramente quando é mostrado o recreio e o horário que antecede a entrada das crianças à sala de aula:

As meninas entretinham-se a fazer rodas, a pular cordas, a brincar de canto, a bater petecas.

Nós, os meninos, achávamos, também, muito com que nos distrair, enchendo as horas tão curtas, nessas ocasiões. Brincava-se de cavalinho, de bola de garrafão, de barra-manteiga, de esconder, de presos... Jogavam-se as bolinhas, jogavam-se pião e fichas. Mas o tempo, às vezes, corria melhor, quando certos meninos começavam a fazer graça (p.73).

Outra distinção entre os gêneros refere-se às atividades de Rosinha, que auxilia a mãe na horta e cuida do jardim, enquanto seu irmão preocupa-se mais com as atividades da roça, tanto que, como seu amigo Raul, faz sua rocinha, pela qual se torna responsável.

Por mais que tais atividades infantis sejam imitações das tarefas dos adultos, nem tudo o que diz respeito ao mundo adulto é repetido pelas crianças. A obra não apresenta os pequenos envolvidos em conflitos, pois esses pertencem aos grandes e não às personagens infantis. A criança é apenas um elemento secundário no conflito. Dessa forma, em nenhum momento da narrativa, Mário questiona-se a respeito de sua futura profissão, esse é um conflito de Seu Raimundo. Sem consultar o menino, apenas observando a intimidade que a criança tem com a terra, o pai decide que o filho vai estudar Agronomia.

- O Mário está mocinho, disse ele.

- É verdade, respondeu papai. Já anda em tempo de escolher uma profissão (...)

- ... Tenho refletido sobre o que farei de Mário. [grifo] Gasto horas inteiras pensando nisso e ainda não decidi coisa alguma (p.163).

- Sabe, Sr. Pontes, não decidi coisa alguma, nem sei por que. Mário gosta demais do viver campestre e tem forte inclinação pelos trabalhos da agricultura. Tem um jeito extraordinário para lidar com plantas e animais. Um dia até chorou quando lhe disse que iria estudar para médico, ou advogado, ou engenheiro... (p.164).

A narrativa de Mário recorda também o dia do aniversário da professora, quando esta vai visitar dona Emília e é recebida com "*cuscuzeiro de frango com azeitona e rodela de ovos cozidos*" (p.111). No

caminho, os alunos da escola surpreendem-na com a apresentação de uma banda, constituída por eles.

Um fato marcante para os moradores do bairro Capão Bonito é a festa de São João, com fogueira, balões, cantigas acompanhadas de viola e, conforme o folclore da região, jantar farto, seguido de saborosas sobremesas. Há, ainda, outras atividades prazerosas aos meninos, como tomar banho no rio, passear com nhô Lau, ouvir suas narrativas (em uma ocasião, o contador relatou uma história de Monteiro Lobato, "Pedro Pichorra"), colher fruta na planta... até o dia em que a tia e as primas vão buscar Juvenal que regressa para a cidade mais forte e com saúde.

Em três anos, todas as arrumações no sítio concretizam-se e a produção é razoável. Rosinha já é quase moça: copia poesias, borda, depena frango, cozinha. Mário cuida da horta e das aves, cura animais, ara e cultiva uma pequena roça. Seu Raimundo, preocupado com a profissão do filho, decide que Mário cursará Agronomia. Uma semana depois, despedindo-se de todas as dependências do Congonhal, Mário deixa o sítio.

4 AS PERSONAGENS INFANTIS E SUAS TRAJETÓRIAS

Mário, Rosinha e Juvenal são as personagens infantis que se destacam na narrativa. Os irmãos possuem nomes com forte carga semântica. A palavra "rosa" também designa a mais bela flor cultivada nos jardins; em termos sonoros, encerra sua pronúncia pela vogal aberta /a/, traduzindo abertura, passagem, claridade. O diminutivo vem reforçar a idéia de delicadeza e pequenez. Assim como Rosinha, Mário também é um nome bastante comum. É o masculino de Maria - mãe de Jesus, mulher pura e devota. O som, inicialmente aberto, vai afinando-se e fecha-se com o ditongo "io". Mário, como o nome designa, é um garoto simples, educado, cordato, mas lutador e persistente. De origem latina, a palavra significa guerreiro (Ellefson, 1993, p.28).

Não há, na narrativa, marcas temporais nítidas que precisem a idade do menino. O relato abrange parte de sua infância, desde que

a família abandona o campo até quando ele vai estudar Agronomia: *"Eu ainda não sabia escrever e minha irmã Rosinha mal contava até cinco, quando papai vendeu a fazenda"* (p.13).

Quanto à idade de Rosinha, sabe-se que ela completa oito anos, no dia 28 de setembro. Essa data lembra o início da primavera, estação em que as flores desabroçam, como ocorrerá com Rosinha. Seu irmão, como foi afirmado, é um pouco mais velho. Mário, por viver num sítio, é um menino saudável e forte. É muito bem alimentado, pois não faltam frutas e verduras à mesa. Adoece, quando vai morar na cidade, e o médico aconselha-o a voltar ao campo.

Não há referências às descrições do tipo físico das personagens, nem mesmo à expressão facial ou a traços fisionômicos. Destaca-se, no entanto, no plano psicológico, a atitude submissa das crianças em relação às normas estabelecidas pelos adultos. Elas são apresentadas como detentoras de um temperamento dócil e cordato, aceitando, passivamente, os castigos que lhe são impostos: *"... Um dia fiquei de castigo porque, por gosto, quebrara a ponta do meu lápis"* (p.200).

Apesar da passividade manifestada no comportamento das crianças, há ocasiões em que o desejo de fazer algo que está em desacordo com as normas é mais forte que o senso de dever a ser cumprido. É o que ocorre quando nhô Lau vai buscar a vaca Mansinha e Mário o acompanha, desobedecendo seu pai:

- Seu Raimundo deu licença, Mário?
- Vacilei um instante e respondi:
- Deu, sim.
- Então, vamos (p.70).

No entanto, o arrependimento chega em seguida: *"Pelo caminho assaltava-me o desejo de não ir até o fim, de sentar no barranco, à beira da estrada, de voltar correndo para casa..."* (p.70). A punição pela desobediência é consequência natural e é aceita sem protesto pelo menino:

- Bonito, hein, seu Mário? gritou papai, avistando-me. Pegue naquele caderno de papel e escreva nele a sentença: - Jamais desobedecerei meus pais. Quinhentas vezes. Ouviu bem? E com boa caligrafia!
Não tugi nem mugí. Quietinho, tomei do lápis e comecei a tarefa. Quinhentas vezes! Não era brincadeira (p.72).

Os interesses das personagens infantis, de maneira geral, assemelham-se muito aos dos mais velhos. Elas, além de freqüentarem a escola, limitam-se a reproduzir o comportamento dos adultos, efetuando as mesmas tarefas e portando-se como tais. É o caso de Raul, menino que mora próximo à casa de Mário, que possui uma pequena roça, a exemplo de seu pai. Logo, Mário, ainda criança, também terá a sua. Rosinha, por seu turno, imita muito as ações de dona Emília e de Tereza, acompanhando-as na horta e cuidando do jardim.

Em termos de leituras, Mário e o primo ficam fascinados pela revista *Chácaras e Quintais* e passam a colecioná-la. Mário costuma ler as notícias impressas em jornais para o pai e, como bom aluno, mantém suas tarefas escolares em dia. Observa-se, assim, que as crianças não dispõem de material de leitura produzido especificamente para elas, exceto os textos escolares. Evidencia-se a preferência dos meninos por textos que apresentem técnicas de melhoria no aproveitamento do solo, visto que é esse o mundo em que vivem.

5 CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA E ATUAÇÃO

A família de Mário não é composta somente pelos pais, por ele e pela irmã. A esses juntam-se Tereza e nhô Lau, que participam da rotina da família residente no Congonhal e auxiliam na educação das crianças. Nhô Lau, além de exercer as funções de capataz do sítio, atua também como transmissor do folclore regional: recita versos, conta histórias, convive com a natureza.

Todos os membros da família ocupam um papel ativo na constituição da mesma. Na conjuntura apresentada, o pai é responsável pelo provimento financeiro; à mãe cabe a administração

da casa e a educação dos filhos, os quais, por sua vez, auxiliam na manutenção da ordem doméstica. Essa estrutura e divisão de tarefas é respeitada, pois Mário é o comprador da carne preparada nas refeições e Rosinha ajuda a mãe, na cozinha e no jardim.

A convivência entre eles é bastante harmônica, sendo que os pais se portam como companheiros que dialogam sobre a educação dos filhos e sobre a situação financeira da família. No entanto, é sempre a figura paterna que traz para o lar preocupações externas, como aquisição ou venda de imóveis. Os pais são responsáveis pelos destinos de seus filhos, além de serem modelos que devem ser seguidos pelos pequenos. Rosinha é aprendiz de dona-de-casa, enquanto Mário torna-se um exímio conhecedor das lidas rurais e, para melhor aproveitar a terra, vai estudar Agronomia.

A atuação das demais personagens infantis também é destacada, no que se refere à ajuda aos pais:

Eram todos uns garotos decididos, sabiam nadar, subir às árvores, mesmo as mais difíceis, montar em animais, arreá-los e guiá-los numa carroça ou trole. Sem esforço caminhavam léguas e léguas a pé. Corriam muito e saltavam facilmente um córrego ou valo. Eram ágeis de força e corajosos. Muitos manejavam a enxada, a foice até o machado. Outros sabiam fazer uma roça e conheciam o tempo das plantações e o das colheitas.

Por isso tudo, eram excelentes auxiliares dos pais. Alguns se excediam no trabalho (p.76).

As crianças, seja na família, escola ou na comunidade, não costumam discutir ou brigar. Aparentam ficar muito felizes quando se encontram, como no dia em que tia Juventina vai até o Congonhal buscar o filho Juvenal: *Violeta, Áurea e Rosinha abraçaram-se a um tempo* (p.158).

São raras as manifestações de descontentamento entre as crianças, pois normalmente elas são solidárias entre si. Quando há desentendimento, logo se desculpam, como ocorre no dia em que Mário vai passear montado, pela primeira vez, em Pelintra, não convidando o primo. Seu Raimundo, o adulto, quando toma

conhecimento do fato, censura o filho, que imediatamente vai em busca de Juvenal:

Chamei-o. Ele apareceu com ar desconfiado.

- Outra vez a cavalo, Mário?

- Não, Juvenal. Escute-me primeiro. Tive o gosto de ir arrear o "Pelintra" e de trazê-lo até aqui para que você me faça o favor de ir passear nele o quanto quiser.

- Isso é sério?

- Ora, Juvenal. Olhe aqui o chicote. Vá.

- Dê cá um abraço.

- Até dois ou mais (p.43).

Assim, o grupo social da criança, inicialmente limitado à família, vai se ampliando na medida em que ela passa a fazer parte do conjunto de meninos da vizinhança e da escola. A grande marca da socialização de Mário dá-se quando ele integra-se com os pequenos moradores do bairro Capão Bonito. Alguns dos colegas servem como modelos para o menino recém chegado da cidade.

6 HÁBITOS FAMILIARES

O desjejum da família é feito com café com pão; no almoço, come-se arroz, batatas e bife; ao entardecer, toma-se leite com farinha. Em ocasiões festivas, também são servidos produtos da terra, como no aniversário de Rosinha (arroz-doce e balas de ovos), ou no aniversário de dona Alzira (*cuscuz de frango com azeitonas e rodela de ovos cozidos*). Através da forma como o texto apresenta a alimentação das personagens, percebe-se a exaltação à terra, como fonte de alimentos saudáveis, reforçando a relação harmônica que o homem deve estabelecer com a natureza.

Só há interferência do médico para atender as crianças no meio urbano: Mário recebe esse cuidado, assim como Juvenal. Em ambos os casos, a doença, em parte, deve-se aos malefícios provocados pela vida na cidade. Na zona rural, quando Tissiani, colega de aula das crianças, corta o pé, quem o socorre é a professora:

Do pé corria-lhe sangue. Havia pisado num enorme caco de vidro. Quisemos carregá-lo, D. Alzira não deixou. Ela sozinha levou o Tissiani até a sala de aula. Lavou-lhe os pés e pôs um desinfetante na parte machucada, amarrando-a em seguida (p.78).

A higiene, pré-requisito para boa saúde, não é destacada em relação à personagem infantil. Porém, a organização existente no sítio e o capricho de Tereza, - aspectos fundamentais para manter o asseio na propriedade, são elogiados.

7 A ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

No primeiro dia de aula, Mário e Rosinha chegam acompanhados pelo pai. Logo que seu Raimundo vai embora, as crianças da escola rural, com classe multisseriada, dirigem-se ao pátio. Os novos colegas recebem o afeto dos antigos alunos do estabelecimento:

Cármen e Raul, chegando nesse momento, correram ao nosso encontro. Os demais foram-se aproximando, aproximando e até o de cabelo arrepiado largou a bola e correu a juntar-se aos que nos rodeavam (p.67).

A integração acontece imediatamente. Em poucos dias Mário já sabe o nome de todos os colegas:

Havia conversado com todos e feito amizade com diversos. Antes da entrada e no recreio, tínhamos tempo de sobejo para palestrar, brincar e assim travar novas relações (p.73).

Fiquei sabendo muita coisa sobre o passado, a família e os hábitos dos meus colegas (p.74).

Toda a comunidade valoriza a escola. As crianças e os demais moradores sentem um afeto especial pela professora. Consideram dona Alzira uma pessoa muito bondosa, como se percebe no discurso dos pais de Mário:

-Bem simpática e acho que deve ser muito boazinha. Percebe-se que é prestimosa e, principalmente, muito modesta.

-Você acertou, Emília. Dona Alzira sabe ensinar e educar a meninada, e, além disso, não despreza os trabalhadores da roça. Faz a norma de um requerimento para um, resolve um problema para outro e vive, assim, estimada de todos. Certa ocasião pretendeu remover-se, mas tanto se lastimaram, que ela não achou jeito de persistir na idéia. Sei que se alguém, por acaso, se levantasse para molestá-la, ver-se-ia contra cinquenta que a defenderiam (p.77).

8 O PAPEL DO ESTADO

Além de os vizinhos visitarem-se com frequência, evidenciando relações saudáveis, o convívio também ocorre em ocasiões festivas, como na festa de São João, quando toda a comunidade se reúne. A harmonia das relações do lar e do grupo é extensiva ao Estado, que age de uma forma paternal, oferecendo condições para o pleno desenvolvimento da agricultura: mudas são doadas e também insumos, a população recebe orientações para o plantio. Quando nhô Lau traz para o Congonhal mudas *pegadinhas e até viçosas*, provoca admiração em Mário:

- Para que tanta muda? perguntei a papai.
- Tanta muda? Isso é apenas o começo, meu filho. Esse é o primeiro pedido que fiz. Pretendo fazer muitos outros ainda.
- Pedidos? Então isso é dado?
- É dado, sim.
- E quem é que dá presentes assim?
- O Governo.
- O Governo! Então o governo dá presentes? Que Governo bom! (p.106).

Conforme seu Raimundo, o Governo tem obrigação de auxiliar os agricultores para a terra prosperar. E, para tanto, há publicação de folhetins com ensinamentos sobre animais e plantas; técnicos visitam as famílias para orientá-las; não são cobrados impostos na aquisição de animais de raça, máquinas agrícolas e materiais; são criadas e

mantidas escolas superiores de agricultura. A criança representada na história tem consciência do empenho do Governo em favor do sucesso da agricultura.

É da atividade agrícola que provém a alimentação das crianças e adultos: valem-se de arroz, milho, batatas e até mesmo os doces são preparados com ingredientes caseiros, como laranja e ovo. Isso reforça a idéia de autogestão do campo. Na falta, por exemplo, de vasilha para trazer saborosas jabuticabas para casa, nhô Lau improvisa cestos, confeccionados com cipós encontrados no mato.

9 CAMPO X CIDADE

A diferenciação cidade-campo é sentida até no vestuário. Quando a família do protagonista muda para a cidade, há alteração no traje do menino: *Mamãe obrigava-me a andar bem vestido o dia inteiro. Isso, para mim, era um verdadeiro castigo* (p.14).

Sabe-se que nem sempre a criança teve uma roupa específica para sua faixa etária ou condição social. Em *Saudade*, há referências à vestimenta dos pequenos, mas sem distingui-la daquela dos adultos. Percebe-se apenas que, em casa, a roupa não é a mesma usada para ir à escola, pois quando Mário regressa da aula, troca-se em seguida: *Tratei de vestir uma roupa caseira para poder brincar à vontade, no quintal...* (p.26).

A vestimenta das crianças é adequada ao espaço e à atividade que realizam. Em ocasiões de passeio à cidade, usa-se roupa especial, como no dia em que Mário vai buscar Juvenal para passar uma temporada no sítio, veste terno de sarja azul. Em momentos festivos, como no aniversário de Rosinha, a menina recebe um traje apropriado: *"vestido novo, sapatinhos brancos e bonito laço de fita nos cabelos. À noite, para se protegerem do frio, na festa de São João, os meninos vestem sobretudo"* (p.114).

No que se refere ao empobrecimento da família na cidade, ao abandonar a pureza do campo, o conflito é do pai, pois ele é o responsável pela venda da terra que possuíam e pela mudança para o meio urbano. Mário atua apenas como um elemento que sofre as

conseqüências. Há que se ressaltar que no sítio, onde residiam anteriormente, a família não prosperou. Já no Congonhal são aplicadas técnicas modernas na administração da propriedade.

10 A NARRATIVA

A criança participa da ação e também é testemunha da mesma, registrando os fatos que se sucedem. Isso se deve à coincidência existente entre a personagem central e o narrador da obra, o qual se caracteriza como autodiegético² (Genette, p.243-250), uma vez que os fatos mostrados constituem a sua história. Chama atenção o fato de que, no primeiro capítulo, denominado "Uma história...verdadeira", o narrador apresenta-se inicialmente como externo ao universo narrado, para, num momento seguinte, identificar-se como o herói da narrativa:

Desde que já não podia voltar àqueles tempos, queria, ao menos, guardar dele recordações escritas em que falasse das horas e horas que passara construindo casas para formigas, ou empinando o seu bonito papagaio de papel de seda, ou perseguindo cigarras, colibris, sapos e borboletas.

Mário começou, pois, a descrever a própria vida (p.11).

Ainda que seja o próprio Mário a narrar sua história, ele o faz quando já é adulto. Tem-se, então, um narrador adulto relatando a vida de uma criança, o qual limita-se a registrar o que credita à infância, o que permite a vigência da visão adultocêntrica, com tendência a focar a criança como um ser exemplar. Quanto aos possíveis fatos que ocorreram, a memória seleciona os que julga válidos para reforçar a imagem desejada.

A voz infantil não se opõe, nem questiona a adulta, que é a única evidenciada no texto. Nesse sentido, não há presença das manifestações infantis. Por outro lado, percebe-se também o discurso de segmentos como o Estado atento, o patrão bondoso, o empregado

² A terminologia é empregada por Genette para designar o narrador que relata as suas próprias experiências como personagem central da história apresentada.

dócil, a professora preocupada, os pais exemplares. Não há vozes discordantes que expressem outra visão e permitam criar um texto polifônico, questionador.

Mário revela-se a partir do relato de fatos dos quais participou ao mesmo tempo que conta a história de sua família. A presença constante do narrador-protagonista é fundamental, na construção da narrativa, visto que ele é responsável pelo encadeamento da seqüência narrativa, servindo de elo de ligação entre episódios, de forma a garantir a organicidade do texto, como prediz a necessidade aristotélica.

A história é formada por muitos capítulos e dividida por oito poemas que possuem relação semântica com os fatos relatados. Cada um dos capítulos recebe um título, os quais mostram, muitas vezes relação explícita com o título geral da obra. Enquanto esse último é formado somente por um substantivo abstrato - categoria gramatical pouco usada pelas crianças - a maioria dos capítulos recebe um substantivo concreto, um adjunto adverbial ou ainda uma pequena oração que sintetiza todo o enredo para nomeá-los: "Os jornais", "As terras", "O acordo", "O Pelintra", ou "Na farmácia", "No domingo", "Em serviço", ou "Deixamos a fazenda", "Papai empobrecia", "Todos trabalhavam" são alguns dos títulos que designam os capítulos.

A presença de tantos elementos realísticos assegura a consistência da obra, já que ela tenta se legitimar como "uma história verdadeira". Dessa forma, os elementos mágicos estão ausentes do texto, ainda que tenham grande importância na composição da literatura infantil. A carência de magia pode ser compreendida como um traço adultocêntrico na obra.

Tal visão caracteriza-se, principalmente, pelo fato de que a criança representada em *Saudade*, como os adultos, é um ser muito ponderado e equilibrado, que concorda e elogia freqüentemente o comportamento dos mais velhos, mesmo nos casos em que é castigada. Apesar de se submeter aos adultos, tem algumas iniciativas, as quais são executadas somente com a autorização dos pais, como é o episódio da venda de vidros por Mário, que pretendia, com o valor apurado, comprar uma tipografia. Na escola, como na

família, há normas que devem ser respeitadas. Os demais moradores do bairro Capão Bonito também esperam que o menino seja educado e cortês e ele corresponde às expectativas, pois é elogiado, constantemente, pelas pessoas que visitam seus pais.

Assim, apesar de o texto relatar a infância de uma personagem e destinar-se também ao leitor-criança, a voz que narra é basicamente adulta, levando à conclusão de que a concepção de infância da sociedade do início do século XX, expressa via literatura, é conservadora³. Os filhos são apresentados como indivíduos que devem ser uma cópia melhorada dos seus pais: Mário tem que ser mais do que um agricultor, pois deve tornar-se um agrônomo que, além da vivência de amor à terra, terá o conhecimento teórico. A educação destinada a essas crianças promove a reprodução aprimorada do adulto.

Defendendo sempre o mesmo ponto de vista, a coerência interna da obra é mantida. Os fatos são possíveis de acontecerem e se encaixam perfeitamente - não há elementos na caracterização da personagem infantil, nem no seu percurso que destoem da seqüência apresentada. Dentro do quadro ficcional mostrado, é possível que a história aconteça, verificando-se, então, a verossimilhança do texto.

11 O OLHAR DE HOJE ...

Saudade é uma narrativa tradicional, na qual o adulto detém todo o poder, de forma autoritária, ocultando, por completo, a voz da criança. A sociedade, por seu turno, também vive uma fase de autoritarismo excessivo, quando surgem camadas intermediárias entre o povo servil e os latifundiários. Estes, os donos da propriedade, são vistos como protetores dos camponeses e, por conseguinte, detentores dos seus destinos. Na narrativa, essa proteção é exercida

³ *A menina do nariz arrebitado*, de Monteiro Lobato, publicada em 1920, foge ao padrão de obras de cunho conservador, em virtude do caráter fantasioso, do ambiente de liberdade em que vivem as crianças, as quais manifestam constantemente seu pensamento, sua posição frente aos fatos, conferindo uma natureza emancipatória à obra.

pelo Governo em relação à família de Mário e pelos adultos - pais, professora e empregados da família - em relação aos pequenos, uma vez que a criança é membro de uma minoria social que não tem voz.

Embora a presença do maravilhoso propicie um caráter imaginativo presente nos contos de fadas mobilizando as crianças por vários séculos (Jesualdo, 1993, p.122), a obra em questão ignora essa característica da literatura infantil e opta por construir uma narrativa realista, atendendo a uma solicitação dos adultos da época de produção e não do público a que se destina. O texto não consegue se manter no tempo e ser apreciado pelos leitores infantis da atualidade, uma vez que os personagens de *Saudade* não contêm traços mágicos, como também limitam-se a desencadear ações num espaço realístico, previamente autorizado pelo adulto, cumprindo tarefas direcionadas às crianças. Mário e Rosinha não têm a iniciativa de Narizinho e Pedrinho que se aventuram em espaços desconhecidos, como também não convivem com elementos mágicos como fadas, reinos distantes, palácios, príncipes e princesas ao gosto do público infantil.

Saudade, publicado a partir da solicitação da Secretaria de Estado, a fim de auxiliar na resolução de um problema social, a evasão rural, antecipa uma tendência que se constata na literatura infantil atual em que as editoras encomendam livros a autores, tratando de assuntos específicos como é o caso de temas ecológicos. Em relação a essa questão, tem-se o depoimento de Paes (1996, p.35) que revela ter sido convidado a produzir dois livros de poesia "ecológica": *Olha o bicho* e *O menino de olho-d'água*, publicados, respectivamente, em 1989 e 1991. Paes destaca a dificuldade de produzir um texto com temática "encomendada" e revela a sua preocupação em *abrandar, tanto quanto possível, o caráter moralístico ou pedagógico que é inseparável das fábulas ecológicas* (Paes, *ibid.*, p.37), fato que não se percebe no texto de Tales de Andrade.

Outros temas, na atualidade, têm sido solicitados pelas editoras para integrar as produções destinadas à infância, como droga, sexualidade, segundo casamento. Quanto ao último assunto, destaca-se, de acordo com Soalheiro (2000) que a publicação de *Mamãe trouxe um lobo para casa*, editado em 1995, *vendeu 60 mil exemplares* –

marca excepcional, levando-se em conta que um livro "para adultos" raramente sai com tiragens maiores de dois mil exemplares. Só o tempo dirá se essas publicações encomendadas conseguirão se manter ou se desaparecem em virtude da inexistência de elementos mágicos e pela presença da função educativa e moralizante, tão inadequada à literatura infantil.

Embora de grande importância na época em que foi publicado, devido às circunstâncias de produção e de divulgação, *Saudade* não representa a voz infantil, não contém elementos mágicos e, conseqüentemente, não consegue sobreviver à passagem do tempo, porque não é lido, nem conhecido atualmente. Do ponto de vista dos estudos da literatura infantil, é um documento da produção escrita do início do século e uma comprovação de que se o texto pretende sobreviver, através da leitura dos pequenos, tem que atender às necessidades dos mesmos e não a dos adultos que selecionam as obras para as crianças. A narrativa recebida pelos escolares paulistas na década de 20, devido ao conteúdo doutrinário, fica apenas na saudade e na lembrança, porque não consegue ultrapassar limites temporais e espaciais....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Tales de. **Saudade**. 52.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 3.ed. São Paulo: Quiron, 1985.

DORIA, A. de Sampaio. Prefácio. In.: ANDRADE, Tales de. **Saudade**. 52.ed. São Paulo, Companhia ed. Nacional, [19 - -].

ELLEFSON, Connie Lockhart. **Nomes de bebês de todo o mundo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1993.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, s/d.

JESUALDO. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1993.

LOBATO, Monteiro. A menina do nariz arrebitado. In.: **Reinações de Narizinho**. 47.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PAES, José Paulo. **Poesia para crianças**. São Paulo: Giordano, 1996.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SOALHEIRO, Bárbara. Era uma vez o conto de fadas. **Revista Palavra**. Acessado em 19 de maio de 2000. www.revistapalavra.com.br

ABSTRACT: This article analyses the trajectory of the infantile character and the composing of the narrative Saudade, written by Tales de Andrade, published in 1919, and addressed to Brazilian students of this time. Although being a literary work the text is seen as a historical record that reveals the concept of childhood, the role of the school and the rural and urban situation, by the time of its publication, due to the realistic nature of the text.

KEY-WORDS: Children's literature history, Brazilian children narrative, Literature theory.